

COMENTÁRIOS SOBRE O LIVRO DE FRANCISCO DE OLIVEIRA "CRÍTICA À RAZÃO DUALISTA: O ORNITORRINCO E O DESENVOLVIMENTO DA MICRORREGIÃO NORTE ARAGUAIA

COMMENTS ON FRANCISCO DE OLIVEIRA'S BOOK "CRITICAL TO THE DUALIST REASON: THE PLATYPUS AND THE DEVELOPMENT OF THE NORTHERN ARAGUAIA MICRORGION

Milton Fantinell Junior¹
Leonam Lauro Nunes da Silva²

RESUMO: O presente trabalho tem como marco teórico o livro do sociólogo Francisco de Oliveira "Crítica à Razão Dualista O Ornitorrinco" em que o autor faz um ensaio para pensar o desenvolvimento econômico e social do Brasil em meio às diferenças regionais construídas ao longo do processo histórico. Assim, o artigo busca traçar um paralelo entre o pensamento do mencionado autor e a realidade apresentada na região Araguaia Xingu, na qual vários agentes se confrontam na constituição desse heterogêneo espaço. A metodologia é qualitativa e utiliza da revisão bibliográfica em livros e trabalhos acadêmicos disponíveis. A pesquisa contribui para o conhecimento de mais uma faceta do Brasil, país de dimensões continentais. **Palavras-Chave** - capitalismo; socialismo; áreas indígenas; fazendeiros; posseiros.

ABSTRACT: This work has as a theoretical framework the book by sociologist Francisco de Oliveira "Crítica à Razão Dualista O Ornitorrinco" in which the author makes an essay to think about the economic and social development of Brazil in the midst of regional differences built throughout the process. Thus, the article seeks to draw a parallel between the thought of the aforementioned author and the reality presented in the Araguaia Xingu region, in which several agents are confronted in the constitution of this heterogeneous space. The methodology is qualitative and uses the bibliographical review in books and works academic resources available. The research contributes to the knowledge of another facet of Brazil, a country of continental dimensions.

KEYWORDS - capitalism; socialism; indigenous areas; farmers; squatters.

INTRODUÇÃO

¹ Mestrando pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá, é especialista pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), curso Práticas Pedagógicas na Educação do Campo e pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), curso Gestão Municipal, é bacharel em Administração pela Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte e Licenciado em Química pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso campus Bela Vista. Atualmente é professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso campus Confresa.

² Professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Campus Cuiabá - Coronel Octayde Jorge da Silva. Professor e Pesquisador credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do IFMT - Campus Cuiabá / Octayde Jorge da Silva.

Neste trabalho pretendemos discorrer sobre realidades antagônicas, que impactam diferentes grupos que formam a sociedade brasileira. Através de uma análise fundamentada em estudo bibliográfico faremos uma imersão no processo histórico revelando diferenças econômicas, sociais e culturais entre grupos sociais que coabitam o mesmo espaço geográfico - aqui, o foco recairá na região do Araguaia Xingu. Nesse terreno transitam sujeitos com suas respectivas visões de mundo, ao tempo em que se consolidam instituições responsáveis por conceber e executar projetos de nação, que, lamentavelmente, não contemplam toda a gama da população do país.

De um lado, percebemos um ambiente em ebulição econômica e intelectual no qual o Estado brasileiro se faz presente. Universidades, veículos de imprensa, órgãos de segurança pública, polos industriais dão o tom do desenvolvimento que alcança regiões afastadas dos centros decisórios de poder; em contrapartida, para grupos economicamente marginalizados, a toada é outra, bem diferente; apresenta-se uma face da sociedade brasileira que traz consigo marcas e traumas reveladores de carências de toda ordem, condição em que o Estado brasileiro aparece como ator negligente, que não intervém em favor daqueles que mais necessitam. Obras de infraestrutura como a BR 158, com potencial para dinamizar a economia local e gerar empregos, não recebem os recursos adequados e continuam à míngua, assim como o setor educacional que padece pela falta de investimentos. Nesse mesmo espaço, populações tradicionais, indígenas, ribeirinhos, quilombolas, sertanejos e assentados sofrem com o assédio constante dos grandes latifundiários, que os veem como empecilhos para o desenvolvimento e progresso na nação.

Esse quadro de enorme complexidade e de diferenciação é parte consonante da formação da sociedade brasileira. Tal cenário nos impeliu a buscar respostas sobre os diferentes níveis de desenvolvimento social em nosso país, o que proporciona a existência de realidades díspares dentro de um mesmo espaço geográfico. Assim, o objetivo central desses escritos é o de incitar os leitores a refletir sobre o processo de ocupação territorial brasileiro, que remontam o período colonial, atravessam o império, chegando à contemporaneidade.

Através da pesquisa bibliográfica ancorada na obra de Francisco de Oliveira e no trabalho de investigação por meio de fontes documentais, a exemplo de periódicos, buscamos ampliar a compreensão sobre as relações de poder em diferentes contextos sociais e temporalidades para que possamos entender como os diferentes grupos sociais foram impactados pelas ações das forças políticas e econômicas. Ao mesmo tempo, através desse estudo de caráter macro, almejamos mostrar que a sociedade está em constante transformação, havendo espaço para intervenções que possibilitem diminuir um pouco dos abismos sociais abertos ao longo do itinerário histórico.

AS ORIGENS DE "CRÍTICAS À RAZÃO DUALISTA: O ORNITORRINCO"

O sociólogo e Doutor por notório saber pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Francisco Maria Cavalcanti de Oliveira, conhecido como "Chico de Oliveira", nasceu em Recife - Pernambuco, no dia 07 de novembro de 1933, foi professor de Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional 5 (AI-5).

Após o golpe civil-militar de 1964, Chico ficou preso por dois meses, exilando-se em seguida a sua libertação na Guatemala e, na sequência, no México, onde permaneceu

por dois anos trabalhando na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), retornando ao Brasil no final dos anos 1960, ingressou no Centro Brasileiro de Análise de Planejamento (Cebrap)³.

Publicado pela primeira vez no número dois do periódico Estudos CEBRAP, em 1972, *Crítica à Razão Dualista* surgiu, conforme alertou Francisco de Oliveira em nota introdutória ao texto, — como uma tentativa de resposta às indagações de caráter interdisciplinar que se formulam no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) acerca do processo de expansão socioeconômica do capitalismo no Brasil (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

A intenção do trabalho é contribuir para aguçar a compreensão sobre o processo de formação do pensamento que entende a industrialização como o setor-chave para a dinâmica do sistema econômico do Brasil, isto é, para efeitos práticos, após a Revolução de 1930 (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

Para entender melhor, também, é necessário conhecer a origem do CEBRAP. Essa instituição foi fundada em 1969, com sede na Rua Bahia, no bairro da Consolação, em São Paulo. Entre os nomes que compunham o quadro inicial do Centro estavam José Arthur Giannotti, Francisco Weffort, Juarez Brandão Lopes, Paul Singer e Octavio Ianni.⁴ Este último foi quem convidou Francisco de Oliveira para integrar um projeto de pesquisa do Centro (BAPTISTA, 2009).

Concretizando, assim, o inusitado encontro de Francisco de Oliveira — pernambucano, mais economista do que sociólogo, ex-funcionário da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), formado no coração do desenvolvimentismo — com aquele grupo de intelectuais marxistas de São Paulo. O CEBRAP figurava como refúgio ou um quebra-galho, cujo sucesso posterior era ainda imprevisível, para Oliveira a entrada para o Centro abria possibilidades novas, inexistentes enquanto peregrinava por países diferentes e empregos instáveis nos anos após o golpe (MENDES, 2015).

A situação em que ocorreu a criação do CEBRAP — influenciada pelo AI-5 e maior rigidez do regime — sugeria que o Estado autoritário não era um arranjo de curto prazo. O vislumbre mais nítido das escolhas políticas e econômicas do governo marcaria a produção das Ciências Sociais brasileiras nos anos seguintes. É certo, portanto, que a fundação do citado Centro representou um marco da história: a partir de seu surgimento, o CEBRAP foi um importante centro aglutinador dos intelectuais da geração descrita acima. Para Francisco de Oliveira, a entrada para essa instituição acelerou seu processo de ruptura com o desenvolvimentismo e consolidou sua formação teórica marxista (MENDES, 2015).

O CEBRAP era mais do que um terreno facilitador para a atividade intelectual. Em 1974, parte de seus pesquisadores abriram discussões com Ulysses Guimarães, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Fernando Henrique Cardoso teve grande destaque nesse grupo, que passou a contribuir na elaboração de programas do partido, fazia parte desse grupo Francisco de Oliveira desenvolveu trabalhos para jornais da

³ Acesso em: <https://sbsociologia.com.br/project/francisco-de-oliveira/>

⁴ Afastados da Universidade pelos atos discricionários do regime instituído com o golpe de 1964 se agruparam no CEBRAP.

imprensa alternativa, como o Opinião e o Movimento⁵. O envolvimento no cenário político flertava com setores progressistas da Igreja, cujo líder era Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo. Então, mesmo com as difíceis barreiras colocadas pela ditadura, aqueles personagens (históricos) intelectuais descobriram algum espaço para a militância política, a qual sempre estiveram colados em seus textos e debates (MENDES, 2015).

Após essa breve explanação sobre a situação em que estava inserido o autor quando escreveu a primeira parte do livro, vamos ao livro, De acordo com Roberto Schwarz que escreve o “prefácio com perguntas” do livro “A crítica à razão dualista” (1972) e “O ornitorrinco” (2003), na primeira parte Chico de Oliveira procura esclarecer os termos referentes a luta contra o subdesenvolvimento, já na segunda parte revela, de acordo com sua visão, que o país se transformou, de maneira análoga, no mamífero aquático com características de ave que nomeia sua obra.

Sobre a expansão pós 1964, referindo-se à revolução econômica burguesa. Oliveira (2003, p. 93) diz:

O regime político instaurado pelo movimento militar de março de 1964 tem como programa econômico, expresso no Plano de Ação Econômica do Governo – PAEG –, a restauração do equilíbrio monetário, isto é, a contenção da inflação, como recriação do clima necessário à retomada dos investimentos públicos e privados. Nesse sentido, há uma enorme semelhança formal do PAEG com o Plano Trienal do Governo Goulart, formalismo aliás que abrange quase todos os planos de combate à inflação, em todas as latitudes.

Ao analisar os dados econômicos do mencionado período, interpreta-se que cada estrato teve um aumento da massa total de renda, e o número de habitantes em cada estrato também fazendo com que o aumento dos bens de consumo não duráveis aumentasse, os dados expostos nesse período possibilitam observar que não trouxeram melhoria para os estratos médio e baixos da população (Oliveira, 2003).

O texto “O Ornitorrinco” foi escrito em 2003 e faz uma reflexão sobre esse mamífero, com características aves e répteis comparando esta imagem com a sociedade brasileira, está convivendo no mesmo corpo os muito ricos e os miseráveis, os apartamentos de 1000 m² e as favelas de 10 m², mas de acordo com o autor esta sociedade não é produto do atraso, o peso do passado na formação da sociedade é enorme, esta sociedade foi formada pelo trabalho escravo e que parte de nossa forma deve-se a esta impregnação escravista que penetrou por todos os poros da sociedade brasileira (Café Filosófico. Ornitorrinco - Será isso um objeto de desejo? YouTube, 20 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z9j8bpyZ9iY>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2022).

A MICRORREGIÃO NORTE ARAGUAIA

Mato Grosso é um Estado possui 906.806 km² de área total, o que corresponde a 10,61% da área total do país, na região nordeste, entre os rios Araguaia e Xingu (Parque Indígena) está localizada a microrregião Norte Araguaia faz parte da mesorregião Nordeste Mato-Grossense e é composta pelos municípios: Alto Boa Vista, Bom Jesus do

⁵ Entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como imprensa alternativa. Os jornais “Opinião” e “Movimento” tiveram em Francisco de Oliveira um de seus fundadores.

Araguaia, Canabrava do Norte, Confresa, Luciara, Novo Santo Antônio, Porto Alegre do Norte, Ribeirão Cascalheira, Santa Cruz do Xingu, Santa Terezinha, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Serra Nova Dourada e Vila Rica.

Figura 1 – Microrregião do Norte Araguaia Mato-grossense



FONTE: Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária

Esta região é cortada pela rodovia BR 158, aberta em 1960, as suas margens se ergueram diversas pequenas localidades que, posteriormente, viraram cidades, onde famílias de sertanejos ocuparam em busca de sobrevivência, dentre as cidades estão Ribeirão Cascalheira, Serra Nova Dourada, Luciara (CANUTO, 2019, P. 28).

Antes destes sertanejos, residiam nessa região de Mato Grosso, em meados do século XX, um contingente significativo de indígenas, de diferentes e variados grupos étnicos. Nela se faziam presentes povos de origem Tupi, Arawak, Carib e Gê. Os Karajá são povos indígenas que se autodenominam “Inã”. O território Karajá está localizado nas margens do rio Araguaia, de Aruanã até Xambioá, numa extensão de cerca de 2.000 km, inclusive a Ilha do Bananal, em áreas dos estados de Mato Grosso, Pará, Tocantins e Goiás (OLIVEIRA, 2001).

Os Tapirapé como são mais conhecidos fazem parte dos Tupi, e autodenominam-se “Tapi'irãpe”. Seu território tradicional estendia-se pela região que compreende as cabeceiras do rio Tapirapé até a divisa do estado do Pará (OLIVEIRA, 2001).

Com a abertura da BR 158, o governo federal por intermédio da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) oportunizou às empresas e fazendeiros, por meio do Decreto 1106/1970 (BRASIL, 1970) - responsável por alterar a legislação do imposto de renda - que pessoas jurídicas adquirissem vastas extensões de terra através do Programa Proterra, segundo relata Canuto (2019, p. 29):

[...] O latifundiário ou a empresa apresentava um Projeto de colonização sobre uma determinada área de sua propriedade. Sendo aprovado, buscava interessados na compra de terras. O Banco do Brasil financia 80% do valor da compra, valor este repassado integralmente ao proprietário do projeto. O comprador,

ficava devedor do Banco do Brasil. Era uma forma fácil de beneficiar o dono da Terra.

Esses primeiros projetos, como a Colonização do Vale do Araguaia, Colonizadora Frenova, Colonizadora Sapeva, Colonizadora Vila Rica, Cooperativa Agropecuária Mista Canarana Ltda, deram origem atualmente aos municípios de Vila Rica, Confresa, Querência e Santa Cruz do Xingu (Canuto, 2019).

E com essa grande mistura no caldeirão conhecido atualmente como Microrregião Norte Araguaia, formado de indígenas de várias tribos, sertanejos que chegaram espontaneamente, uma grande quantidade de assentamentos do INCRA, e as Colonizadoras, geraram muitos e sérios conflitos para a região e municípios recém-formados, as polícias e poder judiciário mai próximo eram no município de Barra do Garças, relatado por Canuto, 2015.

Em 30 de julho de 1968, chegou ao município de São Félix do Araguaia, o padre Pedro Casaldáliga. Tavares (2020, p, 60) relata que na primeira semana foram colocados na porta da casa do religioso, em caixas de sapatos, quatro crianças mortas. Diante do trágico cenário, iniciou-se sua militância em favor dos mais necessitados (indígenas, sertanistas e assentados) de toda a região.

No dia 10 de outubro de 1971, o padre da prelazia de São Félix do Araguaia, na época distrito de Barra do Garças MT, escreveu uma carta ao Vaticano relatando a situação dos migrantes - muitos de origem nortista e nordestina -, que rumavam para a região onde estava circunscrita a Prelazia de São Félix do Araguaia em busca de melhores oportunidades. Assim, relata Casaldáliga, em 1971⁶:

[...] A maior parte do elemento humano é sertanejo: camponeses nordestinos, vindos diretamente do Maranhão, do Pará, do Ceará, do Piauí....., ou passando por Goiás. Desbravadores da região, "posseiros". Povo simples e duro, retirante como por destino numa forçada e desorientada migração anterior, com a rede de dormir nas costas, os muitos filhos, algum cavalo magro, e os quatro "trens de cozinha" carregados numa sacola.

Na carta Casaldáliga, 1971, fala, também, sobre os grupos indígenas que viviam na região.

[...] Os indígenas constituem uma pequena parte dos moradores. Os Xavante: caçadores, fortes, bravos ainda há poucos anos semeavam o terror por estas paragens. Receosos. Bastante nobres Os Carajá: pescadores, comunicativos, fáceis à amizade, festeiros, artesãos do barro, das penas dos pássaros e da palha das palmas; moles e adoentados, particularmente agredidos pelos contatos prematuros desonestos com a chamada Civilização, por meio do funcionalismo, do turismo e do comércio com a bebida, o fumo, a prostituição e as doenças importadas. Os Tapirapé: lavradores, mansos e sensíveis; mui comunitários e de uma delicada hospitalidade.

De acordo com a carta o restante da população é formado por fazendeiros, gerentes e pessoal administrativo das fazendas, funcionários da FUNAI, peões, muitos peões se tornam moradores da região após de se "libertar" do serviço nas fazendas, creio

⁶ CASALDÁLIGA—Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social. Primeira Carta Pastoral na Igreja de São Félix do Araguaia, MT, Brasil, 1971, página 06.

que cita na carta a palavra libertar entre parênteses pelas histórias que se escutam até os dias atuais de trabalho escravo que eram impostas a esses peões (CASALDÁLIGA, 1971).

No ano de 1988, Dom Pedro Casaldáliga deu uma entrevista ao programa Roda Viva, sendo questionado sobre não celebrar o velório de um administrador de uma fazenda e que os fazendeiros locais não batizam seus filhos na cidade de São Félix do Araguaia, Dom Pedro respondeu que nunca se recusou a celebrar missas, mas que tal celebração na igreja ofenderia a índios, posseiros e peões que sofriam nas mãos daquelas pessoas que representavam todo um sistema capitalista de opressão. Disse ainda ter excomungado fazendeiros, porque cortaram orelhas de suas vítimas, como nos tempos do cangaço. Questionado se a situação da região melhorou comparada ao período do regime militar, afirma que sim, com sindicatos e prefeituras populares na região, o movimento popular cresceu, diz ainda que a polícia militar que já matou padre João Bosco, ao seu lado, menos de 2 metros, a polícia militar hoje (1988) é bastante prestativa e respeitosa, sendo uma conquista do povo.

Com base nos textos apresentados, revelam-se situações distintas no país em que vivemos; ao mesmo tempo em que em determinada região do país, representada pelo Chico de Oliveira, sociólogo que participou do CEBRAP na companhia de vários vultos importantes nacionais como Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, eleitos presidentes da República e que contribuíram fortemente, mesmo que de formas diferentes, para a consolidação da democracia, estabilidade monetária e fortes políticas públicas, na educação brasileira inserida nos rincões do Brasil, trazendo oportunidades para pessoas que não tinham perspectivas de melhoria de sua qualidade de vida.

No mesmo país, em uma região remota do país ainda inexplorada, na zona de transição do cerrado com a Floresta Amazônica, conhecida atualmente como microrregião Norte Araguaia, no estado de Mato Grosso onde ocorreram conflitos constantes entre tribos indígenas, sertanistas, sem-terra contras jagunço, pistoleiros, contratados por fazendeiros e grandes colonizadoras esses últimos com apoio do governo e/ou algumas instituições públicas para fazer valer suas vontades sobre os mais desprovidos de condições financeiras (CANUTO, 2019. p. 137), uma situação semelhante às do início da colonização do Brasil, guardadas as devidas proporções, onde os “colonizadores atuais” impõe através da força política, força monetária e armas sua vontade de explorar e tomar áreas indígenas e assentamentos para sua produção de gado para os frigoríficos e monoculturas.

Segundo moradores antigos o bispo Casaldáliga foi importante na escolha de onde se instalou o Instituto Federal de Mato Grosso - *campus* Confresa, de acordo com eles mesmo o bispo morando em São Félix do Araguaia este escolheu Confresa devido a posição geográfica do município favorável, com estradas de mais fácil acesso como BR 158 direção Sul-Norte e MT-430 direção oeste (Figura 2).

Figura 2 – Imagem via satélite da região estudada.



FONTE: <https://earth.google.com/>

Na Figura 2 acima, é possível observar uma foto de satélite de parte da microrregião Norte Araguaia, identificando a esquerda com tonalidade verde escura o Parque Indígena do Xingu, no lado direito ao sul um retângulo na cor vermelha que indica a posição da cidade de São Félix do Araguaia-MT, as margens do rio Araguaia e ao norte outro retângulo na cor vermelha que indica a posição da cidade de Confresa-MT, que é cortada pela BR 158.

Na Figura 3 abaixo, conforme observarmos na imagem extraída da página do DNIT de parte da microrregião Norte Araguaia, identificando parte da BR 158 sem asfaltamento devido a parte mais utilizada atualmente passar no meio de uma reserva indígena, nesta rota também se encontram grandes fazendas com monoculturas e criação de bovinos, e uma outra rota passando pela cidade Alto Boa Vista, desviando da terra indígena, por incrível que pareça essa situação encontra-se em discussão entre o governo e empresários a décadas, fazendo com que não se feche esse trecho que atravessa a reserva e nem se promova o asfaltamento do trecho que desvia a reserva indígena. Trata-se, portanto, de um caso em que a teoria proposta pelo sociólogo Francisco de Oliveira mostra o seu vigor.

Figura 3 – Área no Município de Confresa/MT



FONTE: https://www.gov.br/dnit/pt-br/assuntos/planejamento-e-pesquisa/dnit-geo/mapas-multimodais/mapas-2021/mt_2021.pdf/

A coexistência de realidades antagônicas, construídas historicamente, revelando uma notável incapacidade do Estado brasileiro em intervir. Atores políticos importantes

a exemplo de Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso que atuaram juntos no processo de redemocratização do Brasil, posteriormente, confrontaram-se com ideias e conceitos distintos, inviabilizando, assim, a concepção de um projeto de Estado que, sustentado, pudesse “refundar” as estruturas excludentes nas quais a sociedade brasileira foi erigida. Dessa forma, com movimentos de avanços e retrocessos, o “ornitorrinco” segue sua trajetória, podendo ser encontrado na Microrregião do Norte Araguaia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto nos faz pensar e problematizar momentos vividos por nossa sociedade num passado recente, da luta de diversos estratos na busca de melhorias nas condições de vida de todos, principalmente por parte das classes menos favorecidas.

Francisco de Oliveira mostra uma parte de sua visão através de livro; ele inspirou o trabalho que ora apresentamos. O texto é revelador quanto ao meio que abrigava o autor; suas vivências constituíram parte de seu capital cultural e o conduziram a uma trajetória exitosa como sociólogo, sendo reconhecido em todo o país. Vários sujeitos históricos que compartilharam experiências com o autor ao longo de sua trajetória se tornaram grandes vultos da sociedade atual, seja no campo político, econômico e religioso. Ajudam a entender como chegamos ao “ornitorrinco” contemporâneo.

Dom Pedro Casaldáliga, espanhol de nascimento, tomou a iniciativa de vir ao Brasil, instalando-se na cidade de São Félix do Araguaia, em Mato Grosso, no contexto da ditadura civil-militar (1964-1985), cuja linha de atuação, alinhada ao capital internacional, desfavorecia substancialmente assentados, posseiros, sociedades indígenas entre outros grupos marginalizados. O “ornitorrinco” de Francisco de Oliveira revelou sua face cruel em meio à atuação do religioso em favor daqueles mais carentes, contrariando interesses que colocaram sua vida em perigo. Se por um lado a influência conquistada com base na contundência de sua atuação social, resguardou-o em certa medida, por outro não impediu que chorasse o assassinato de outros padres, peões, índios e assentados que cerraram fileiras nas suas lutas por condições de vida mais favoráveis ao conjunto da população em contraposição às classes mais abastadas, para quem o “ornitorrinco” não é tão feio assim, sendo, inclusive, desejado a fim de alimentar a “máquina”.

Ao analisar as últimas décadas concluímos que governos do campo progressista, que atuaram a partir do processo de redemocratização, adotaram uma postura de reconhecimento às diferenças étnico-raciais, culturais e históricas. A educação formal estendeu sua atuação às regiões do país que, antes, eram desassistidas.

Contudo, esse fluxo de novos ares, nos últimos anos, foi interrompido, com retrocesso evidente no terreno das políticas públicas. Diante do perigo evidente de perdas irreparáveis e da estagnação dos avanços iniciados no período pós ditadura civil-militar, antigos “rivais” políticos se juntaram com o objetivo de realizar conciliação e preservação de conquistas sociais. Resta-nos acompanhar as cenas dos próximos capítulos, esperando que o “ornitorrinco” sofra uma metamorfose, transformando-se em benefício do conjunto de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Katia Oliveira. **O Cebrap como centro de referência para as ciências sociais nos anos setenta**. 2009. 275 f. Tese (doutorado)- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106227>>.

BRAGA, Ruy. **Bionotas. Francisco de Oliveira**. Sociedade Brasileira de Sociologia. Disponível em: <https://sbsociologia.com.br/project/francisco-de-oliveira/> . Acesso em: 06 de dezembro de 2022.

BRASIL. Lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970. Acessado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D67527.htm#art46

BRASIL. Lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970. Acessado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D67527.htm#art46.

Café Filosófico. Ornitorrinco - Será isso um objeto de desejo? YouTube, 20 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z9j8bpyZ9iY>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2022.

CANUTO, Antônio. **Resistência e luta conquistam território no Araguaia Mato-grossense**. São Paulo: Outras Expressões, 2019.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Roda Viva Retrô | Dom Pedro Casaldáliga | 1988**. Roda Viva, São Paulo, SP, 01 fev. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n1ppEJxr6m8>.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Uma igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social**. Prelazia de São Félix do Araguaia: Carta Pastoral, 1971.

GALVÃO, J.A.C. **“Colonização e cidades do Mato Grosso”**. XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social. artigo, Natal, 2013.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

MENDES, Flávio da Silva. **O ovo do ornitorrinco: A trajetória de Francisco de Oliveira**. 2015. 311 f. Tese (doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A Agricultura Camponesa**. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **A fronteira Amazônica Mato-Grossense: Grilagem, ocupação e violência**. São Paulo: Iandê Editorial, 2016.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista / O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

TAVARES, Ana Helena. **Um bispo contra todas as cercas: A vida e as causas de Pedro Casaldáliga**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.